

Jordi Nomen

A CRIANÇA FILÓSOFA E A ÉTICA

Propostas pedagógicas
para transmitir
valores às crianças



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Nomen, Jordi

A criança filósofa e a ética : propostas pedagógicas para transmitir valores às crianças / Jordi Nomen ; tradução de Miriam Mirna Mansur de Carvalho.

- São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Apoio Pedagógico)

ISBN 978-85-349-6546-0

Título original: El niño filósofo y la ética

1. Filosofia — Ensino 2. Crianças — Educação 3. Pedagogia I. Título II. Carvalho, Miriam
Mirna Mansur de III. Série

26-2983

CDD 370.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia – Ensino - Crianças

Coleção APOIO PEDAGÓGICO

- *Preservando a infância para um mundo melhor: a arte de educar e a importância dos cuidados necessários na vida infantil*, Regina Mara de Oliveira Conrado (eBook)
- *Alfabetizar as crianças na idade certa com Paulo Freire e Emília Ferreiro: práticas*, Onaide Schwartz Correa de Mendonça; Olympio Correa de Mendonça
- *Aquela idade em que tudo se quer saber*, Celso Antunes (eBook)
- *Cultivar o gosto pela leitura em crianças e adolescentes de 0 a 16 anos*, Valérie d'Aubigny
- *Criança filósofa: como ensinar as crianças a pensar por si mesmas*, Jordi Nomen
- *A criança filósofa e a ética: propostas pedagógicas para transmitir valores às crianças*, Jordi Nomen

Jordi Nomen

Tradução: Miriam Mirna Mansur de Carvalho

A CRIANÇA FILÓSOFA E A ÉTICA

**Propostas pedagógicas
para transmitir valores
às crianças**



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *El niño filósofo y la ética*

© Jordi Nomen Recio, 2021

Published in Spain by Arpa y Alfil Editores

Brazilian edition arranged through Ilídio Matos Agência Literária, Lisboa, Portugal & Oh!Books Literary Agency, Barcelona, Spain.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuígeber

Coordenação editorial

Christiane Angelotti

Tatianne Francisquetti

Revisão

Tiago José Risi Leme

Carlos Antônio S. Maia

Tarsila Doná

Carolina de Pontes Rubira

Design

Thais Moreno Ferreira

Imagem de capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6546-0

*“Se um livro pode ser lido impunemente,
não vale a pena ter esse trabalho.
Quando os livros são vivos de verdade, respiram;
e os ouvimos e sentimos sua respiração, e
suas palavras são contagiosas,
perigosamente, carinhosamente contagiosas...”*

EDUARDO GALEANO



Índice

INTRODUÇÃO – O pensamento cuidadoso, os valores e sua necessidade	10
PRIMEIRA PARTE – Como promover o pensamento cuidadoso nas crianças?	31
Ética e diálogo: Uma filosofia para a cidadania	32
Uso de uma “razão cordial”	44
Um pensamento guiado por valores	50
Reflexão provisória: viver diante do espelho ou debruçado à janela	92
SEGUNDA PARTE – Onze mestres da vida e onze conceitos-chave	99
Como podemos ser pessoas melhores?	100
Confúcio e seu conceito de harmonia	
O que é a humildade?	110
Lao-Tsé e seu conceito de Tao	
Para que servem os rumores?	124
Sócrates e seu conceito de verdade	

O que é a liberdade? Pico della Mirandola e seu conceito de dignidade humana	138
O que nos leva à ação? León Tolstói e seu conceito de motivação humana	148
O que é a igualdade de gênero? Mary Wollstonecraft e seu conceito de feminilidade	160
Por que devemos praticar a compaixão? Martha Nussbaum e seu conceito de compaixão humana	174
O que é a violência? Mahatma Gandhi e seu conceito de não violência	188
O que é a exclusão social? Martin Luther King e seu conceito de racismo	204
O que é o perdão? Nelson Mandela e o conceito de <i>ubuntu</i>	216
O que é o ser humano? Eduardo Galeano e seu conceito de desumanização	228
Conclusões – A lógica dos valores em um mundo mais humano	240
Bibliografia	252



INTRODUÇÃO

O pensamento cuidadoso,
os valores e sua necessidade





Com o presente volume, encerra-se uma trilogia sobre o “pensar bem”, iniciada com *El niño filósofo*, publicado em 2017,¹ ao qual se seguiu dois anos depois *El niño filósofo y el arte*. Que sentido dou a esta expressão? Um bom pensador deve ser crítico para pensar por si mesmo; deve ser criativo para encontrar soluções alternativas aos problemas, velhos ou novos. Finalmente, deve ser cuidadoso para ter em conta os outros, para conviver no quadro social que dá sentido à convivência, para impulsionar a democracia. Em suma, pensar bem significa aproximar-se da verdade a partir do pensamento crítico, da beleza a partir do pensamento criativo e, sobretudo, da bondade a partir do pensamento cuidadoso. Dos três, é evidente para mim que deve predominar este último, que nos permite conviver e desfrutar das múltiplas formas de amor, que é o sentido da vida mais pleno que conheço. Trata-se, no entanto, de uma bondade crítica e criativa.

1. Disponível em português: RECIO, J. N. *A criança filósofa: como ensinar as crianças a pensar por si mesmas*. São Paulo: Paulus, 2026. [N. R.]

Nas páginas que se seguem não pretendemos canonizar nem substituir os valores pessoais que emanam dos vínculos de aprendizagem da família; queremos, sobretudo, promover os valores sociais que possibilitam que as crianças exerçam, como cidadãs, seus direitos e seus deveres, como um compromisso e com responsabilidade para melhorar o mundo.

O que é o pensamento cuidadoso

Ouvimos continuamente falar de crises de valores. A pandemia que estamos enfrentando acentuou ainda mais, se é possível, tal percepção. Inúmeros especialistas e meios de comunicação proclamam a deterioração dos valores que tinham orientado a educação das crianças e sua substituição por outros menos solidários, mais individualistas. Não creio que seja bem assim, nem no âmbito da família nem no âmbito da escola. A maioria das famílias e de nós docentes sabe que a vida boa continua passando pelo cultivo da bondade e do amor. É verdade que a sociedade mudou profundamente e que, amiúde, os modelos de êxito propostos têm pouco ou nada a ver com a bondade e o amor. Vivemos esta profunda contradição. Dá-se um embate evidente entre o projeto educativo de famílias e escolas e os modelos sociais. Nosso dever é continuar defendendo aquilo em que cremos. Este livro propõe-se estudar o pensamento cuidadoso – ou ético – e sobretudo apresentar ferramentas para desenvolvê-lo desde a infância.

Trata-se, seguindo Matthew Lipman e Ann Margaret Sharp, da dimensão de nosso pensamento que nos vincula

aos outros. Possui um duplo componente: o cuidado, entendido como rigor e atenção na avaliação de nossas opiniões e ações, eliminando preconceitos e estereótipos; e o respeito e a atenção aos outros, à formação de valores positivos que nos ajudem a transitar pelo mundo. No livro de Lipman, *O lugar do pensamento na educação*, lemos que o pensamento cuidadoso possui critérios reguladores que o definem: é “apreciativo”, porque valoriza (acrescenta apreço ao que se estima); é “ativo”, porque se mobiliza para conservar o que aprecia; é “normativo”, pois procura traduzir em padrões o ideal que o move; é “afetivo”, porque pondera sobre o que sentimos; e é “empático”, porque baseia a compreensão na tentativa de pôr-se no lugar do outro, do que o outro pensa e sente. Em suma, o pensamento cuidadoso pretende educar no bom senso e no cuidado para formar uma estrutura de caráter pessoal, e ao mesmo tempo trata de promover valores democráticos, de cidadania, que permitam dirigir a evolução e a transformação da estrutura social, uma transformação que a incerteza atual fará inevitável.

O que é um valor?

Um valor é um ideal, ideal que nos inspira, um princípio que nos orienta. Valores como a liberdade, a justiça, a generosidade ou a prudência transformam-se em virtudes quando se mostram de modo coerente em nossos pensamentos e ações. Falamos então de pessoas livres, justas, generosas ou prudentes. Em oposição a eles, acham-se os contravalores

que também são ideais, mas em sentido contrário aos anteriores: submissão, injustiça, tacanhice ou imprudência.

A nosso ver, tais valores – ou contravalores, segundo o caso – estão sempre presentes e, ao nos depararmos com a realidade, sempre emitimos julgamentos. Há neles uma parte racional e uma parte afetiva. Avaliamos o que nos acontece porque nossa mente acrescenta um valor ao fato objetivo. Lipman refere-se ao pensamento cuidadoso como uma dimensão do pensamento que implica atos e estados ao mesmo tempo cognitivos e afetivos. No pensamento cuidadoso interpõe-se a categoria “agrada-me” ou “desagrada-me”, o que nos leva a considerar o que nos acontece como algo bom ou mau.

Os valores são guias para identificar o que importa. Tratam de determinar as necessidades individuais e sociais, sem considerá-las apenas como uma decisão pessoal. Consideramos valor aquilo que satisfaz nossos afetos, nossos pensamentos e nossas ações. Assim, pois, nossos atos deveriam ser reflexo desses valores: as atitudes, que estão implícitas neles. Neste sentido, os valores se estabelecem como crenças indemonstráveis às quais não queremos renunciar porque nos dirigem e nos orientam. São padrões, protocolos, que nos dão segurança e se estabelecem como meios para conseguir os fins a que nos propomos.

Como escolhemos os valores? Os valores não se aprendem de modo abstrato apenas com um conteúdo teórico a mais. Por sua dupla essência, cognitiva e afetiva, os valores se aprendem sobretudo com o exemplo. Por isso, a família

e a escola, fontes dos primeiros valores, devem ser espaços de exemplo e prática de valores que se defendem como princípios de conduta. Quem não é paciente nunca incentivará que outro o seja. Os valores não se ensinam, mostram-se, transmitem-se em um ambiente que os concretiza e os faz descer das alturas. Dos valores dá-se testemunho, e, nesta prática, enriquecem-se com os matizes da realidade. É isto que se deve fazer com as crianças e com os alunos: mostrar, transmitir, confiando que eles, com sua própria autonomia, escolham os valores que sirvam a uma vida boa, que terão que construir por si mesmos.

Há alguns anos, em uma visita que fiz a Edimburgo, presenciei um acontecimento que exemplifica o que eu digo. Estávamos na fila para visitar o magnífico castelo que coroa a cidade, quando um pai e seu filho adolescente começaram a discutir. O filho, que parecia saber mais inglês do que o pai, insistia e gesticulava. Curioso, prestei atenção e entendia que o rapaz tentava convencer seu pai a comprar para ele a entrada para menores, como se ele tivesse ainda quatorze anos. O filho argumentava que na porta ninguém verificaria isso, e que a diferença de preço entre a entrada para maiores e a entrada para menores, cerca de dez euros, justificava uma pequena mentira que não prejudicava ninguém. O pai não respondia aos pedidos do filho e a fila continuou avançando. Por fim, o pai comprou duas entradas para adultos e o filho, incomodado, espicaçou: “Por que, por que jogou o dinheiro fora?”. Não esqueci a resposta do pai, que deixou o rapaz sem

palavras: “Filho, comprei duas entradas para maiores porque, para mim, a honestidade vale bem mais que dez euros”.

Adquirimos, sem dúvida, muitos de nossos valores de forma social. A sociedade reflete também determinados valores aos quais ajusta suas ações, ainda que, inclusive, não sejam verbalizadas de forma explícita. Porém, acontece muitas vezes que alguém diga defender algo e, incoerentemente, atue de forma contrária ao que “defende”. Nenhum valor se aprende de modo inconsistente. Uma sociedade justa favorece a justiça com suas instituições e ações. Os discursos não alteram substancialmente os afetos. Só com o exemplo e a experiência se pode manifestar os valores que finalmente se consolidam. O testemunho – o discurso em primeira pessoa, a experiência própria das dificuldades que implica atuar virtuosamente – é a melhor forma de transmitir valores.

Esses valores estão presentes tanto na moral como na ética, e por isso convém saber diferenciá-las. A ética é uma parte da filosofia que estuda e sistematiza os conceitos do bem e do mal, assim como muitos outros vinculados a eles, como o da própria virtude. A ética foi definida com vocação de universalidade, e é independente das diferentes tradições culturais. Pretende estabelecer modelos de conduta porque não é apenas uma elucubração teórica. Busca o bem, depois de tê-lo definido; às vezes, é entendido como virtude, outras vezes como utilidade, e outras, ainda, como contrato social.

Por outro lado, a moral costuma entender-se como o conjunto de normas que regem o comportamento das pessoas

em uma determinada sociedade, contribuindo para manter a estabilidade da estrutura social. Relaciona-se com as leis e as tradições, escritas ou não, que integramos em nosso processo de socialização e criação. Daí que a religião, como tradição cultural, tenha tido um papel destacado no estabelecimento dos diferentes códigos morais ao longo da história.

Onde a ética estabelece princípios universais e, em parte, estáticos, a moral estabelece condutas concretas, mais variáveis e adequadas a um determinado contexto. Onde a ética estabelece conceitos teóricos e abstratos, a moral se conecta às problemáticas da vida cotidiana. Onde a ética apresenta uma formulação individual ou de uma determinada religião, a moral concretiza o sistema cuidadoso em normas sociais. Onde a ética concede liberdade de escolha, em um exercício racional, a moral impõe pautas sociais que não escolhemos, que simplesmente aceitamos ou rejeitamos, provocando, nesse caso, algum tipo de sanção, mediante a lei ou a rejeição social. Onde a ética estabelece uma escolha interior consciente e voluntária, a moral provém de nosso exterior e a integramos de forma inconsciente, à medida que crescemos em um determinado entorno social. Desta última não podemos prescindir nem permanecer à sua margem.

Parece-me interessante trazer aqui a teoria de Kohlberg, para depois polemizar com ele. Lawrence Kohlberg era um psicólogo norte-americano que tratou de estabelecer etapas no desenvolvimento moral e psicossocial da criança, sob a notável influência do psicólogo suíço Jean Piaget. Segundo

Kohlberg (2008), a curiosidade por aprender, motor do desenvolvimento mental, move a criança a estabelecer pautas morais do concreto ao abstrato.

No caso de Piaget, isso significa que na primeira infância tendemos a pensar apenas no que podemos perceber direta e pessoalmente, e que depois, pouco a pouco, aprendemos a raciocinar sobre elementos abstratos. Para Kohlberg, a criança começa desejando o bem para um grupo reduzido de pessoas, grupo que vai crescendo com o tempo até incluir os desconhecidos. O perímetro moral se estende em seis etapas. Estas etapas se agrupam em três categorias maiores ou fases: a fase pré-convencional, a convencional e a pós-convencional.

1. Fase pré-convencional. Até os nove anos, aproximadamente, a criança julga os acontecimentos só se a afetam pessoalmente.

✎ Primeira etapa: orientação para a obediência e o castigo. O indivíduo só pensa nas consequências imediatas de suas ações, evita as experiências desagradáveis que se vinculam ao castigo e busca a satisfação das próprias necessidades. Assim, se sofreu um castigo, pode chegar a lançar a culpa a vítimas inocentes ou pode absolver os culpados, se o livraram daquele castigo.

✎ Segunda etapa: orientação para o interesse próprio. Começa-se a pensar mais além do individual, mas ainda a partir do egocentrismo. A pessoa começa a perceber que há diversos pontos de vista que podem